



**KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO
Livros Didáticos para escolas indígenas**

Coordenação:

Prof.^a Dr.^a. Antonia Terra de Calazans Fernandes

Doutoranda:

Eva Aparecida dos Santos

Estudantes de Introdução à Pesquisa Histórica:

Juliana Petarnella

Natália de Oliveira Correia Schio

Funcionário Administrativo:

Marcos Antonio de Oliveira

**Laboratório de Ensino e Material Didático - LEMAD
Departamento de História – FFLCH –USP
2022**

LISTA DE DOCUMENTOS

1. *Atlas Geográfico Indígena do Acre / Levantamento / Organização: Renato Antonio Gavazzi, Marcia Spyer Resende. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre, 1998.*

<https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/atlas%20geogr%C3%A1fico%20ind%C3%ADgena%20do%20acre.pdf>



2. *ISTO É. Brasil 500 anos. Atlas Histórico. São Paulo: Grupo de Comunicação Três S/A, 1998. Versão Digital e atualizada Fundação Getúlio Vargas - FGV – CPDOC – CD-ROM: autoria: JOFFILY, Bernardo, 2016.*

<https://atlas.fgv.br/marcos/economia/mapas/borracha-ocupa-amazonia>



3. Foto regatão, o mascate da Amazônia – final da década de 1960 – de Carlos Henrique Brek

<https://vasosdopurus.wordpress.com/2012/05/25/artigo-brasileiro-por-opcao-iii/>



4. MONMONIER, Mark. *How to lie with maps*. 3^a ed. Reino Unido: University of Chicago Press, 1984.

<https://lecturasurbanas.files.wordpress.com/2011/08/monmonier-how-to-lie-with-maps.pdf>



LEITURA DOS DOCUMENTOS

Apresentamos aqui dois documentos produzidos no mesmo ano (1998), que registram acontecimentos ocorridos em um mesmo território, representados em mapas, a partir de versões históricas com perspectivas diferentes. O documento 1 é um mapa da *Revista Isto É*, digitalizado pela Fundação FGV em 2016, que tem como título “*A borracha ocupa a Amazônia*”. Ele traz algumas informações sobre a exploração desse recurso entre os anos de 1872 a 1910. Já o documento 2 é o mapa com o título “*Acre-invasão dos territórios indígenas*”, do *Atlas Geográfico do Acre*, organizado com apoio da Comissão Pró-Índio do Acre. O objetivo dele é denunciar os territórios invadidos pelos não-índios, na atividade extrativista realizada por seringueiros, seringalistas e caucheiros.

Ao comparar os documentos é possível confrontar perspectivas distintas de como analisar uma realidade histórica, representada na cartografia. Cada mapa registra informações que contam histórias diferentes de acontecimentos que ocorreram em um mesmo local e época.

No documento 1, o território brasileiro é representado na cor verde e os rios e mares na cor azul, conforme convenções cartográficas. O destaque é dado às dimensões do movimento migratório - sobretudo aquele oriundo do nordeste - em função da extração da borracha, em uma escala “nacional”, considerando todo o território brasileiro e parte dos países vizinhos, especificando sua natureza jurídica (cedido ou adquirido, por exemplo) e a situação das fronteiras com seus tratados.

Já os documentos 2 e 3 fazem um recorte menor deste território, limitando-se ao atual estado do Acre e entornos. Os rios são representados como de fato o são na região amazônica, ou seja, na cor amarela. O contexto histórico retratado é a violência durante as duas frentes de invasão do que é hoje o Acre no período; e os personagens registrados incluem os povos indígenas, os migrantes nordestinos, que foram para a região para extração da seringa, e os caucheiros peruanos.

O quarto documento é um trecho do livro “*How to lie with maps*” (“*Como mentir com mapas*”), do cartógrafo Mark Monmonier, que discute as representações cartográficas e como os autores fazem uso de convenções pictográficas e alfabéticas, como cores e abreviações, para apresentar informações selecionadas de acordo com uma determinada perspectiva de análise de certa temática. O texto foi introduzido para subsidiar a análise conjunta dos documentos 1 e 2.

Com estes quatro documentos, a proposta é possibilitar o estudo de como as representações cartográficas precisam ser analisadas e debatidas considerando quem as produziu, as histórias que narram e a importância da confrontação com outras produções que abordam a mesma temática. Desse modo, espera-se que os documentos proporcionem reflexões acerca das diferentes formas possíveis de representações espaciais dos acontecimentos e como, através delas, é possível arquitetar e analisar narrativas históricas.

PROPOSTA DIDÁTICA

1. Antes de analisar os documentos, vamos recuperar o que você já sabe sobre os mapas:

- a) Para quê servem os mapas?
- b) Você já realizou a leitura de um mapa?
- c) Como você lê um mapa?
- d) Descreva como os mapas geográficos costumam ser: o que é essencial para um mapa conter?
- e) Quem será que faz os mapas?
- f) Como será que eles são confeccionados?

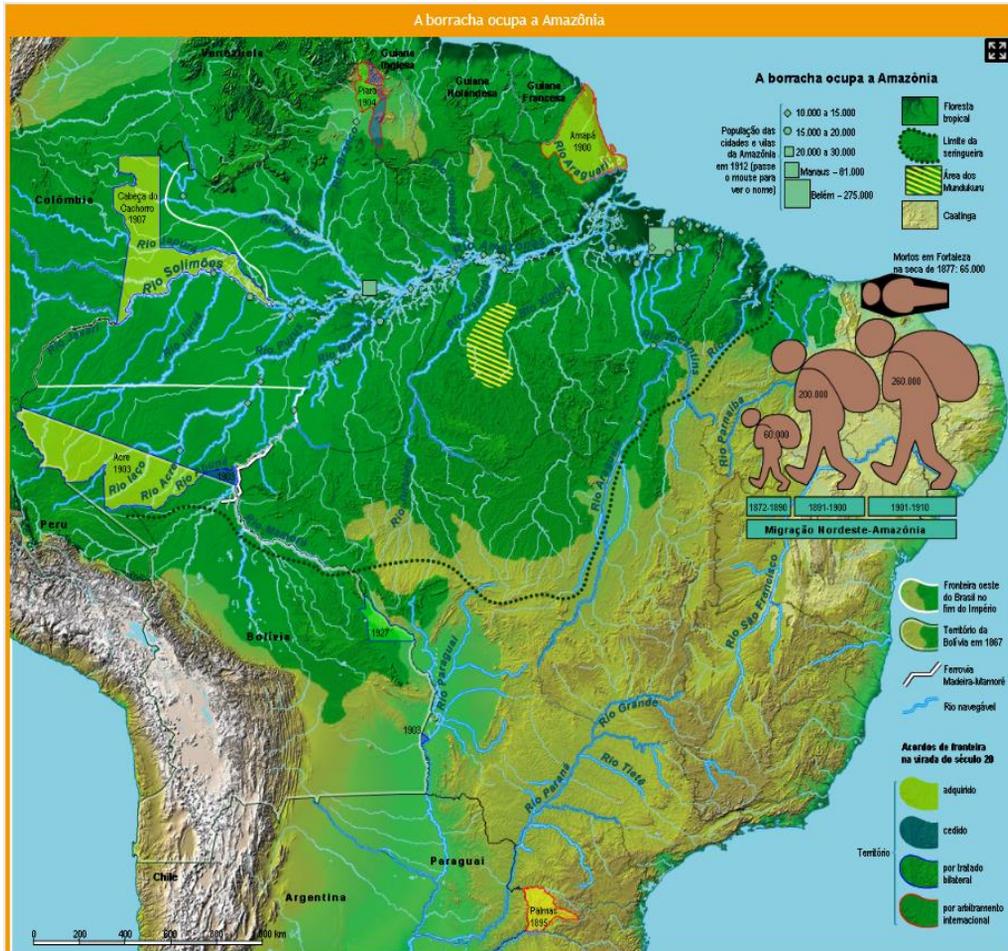
2. Sobre o documento 1:

- a) Observe o mapa e procure descrevê-lo.
- b) Qual o título do mapa?
- c) Para ler um mapa é necessário considerar os símbolos, as cores, os números e as linhas, que o autor utiliza para apresentar algumas informações. Para saber o que cada cor, desenho e linha representam é necessário procurar o que dizem as legendas. Então, localize as legendas. O que representa cada cor? E cada desenho? E cada linha?
- d) Releia o mapa consultando as legendas.
- e) Qual história o mapa conta?
- f) Quais as pessoas envolvidas nesta história contada no mapa?

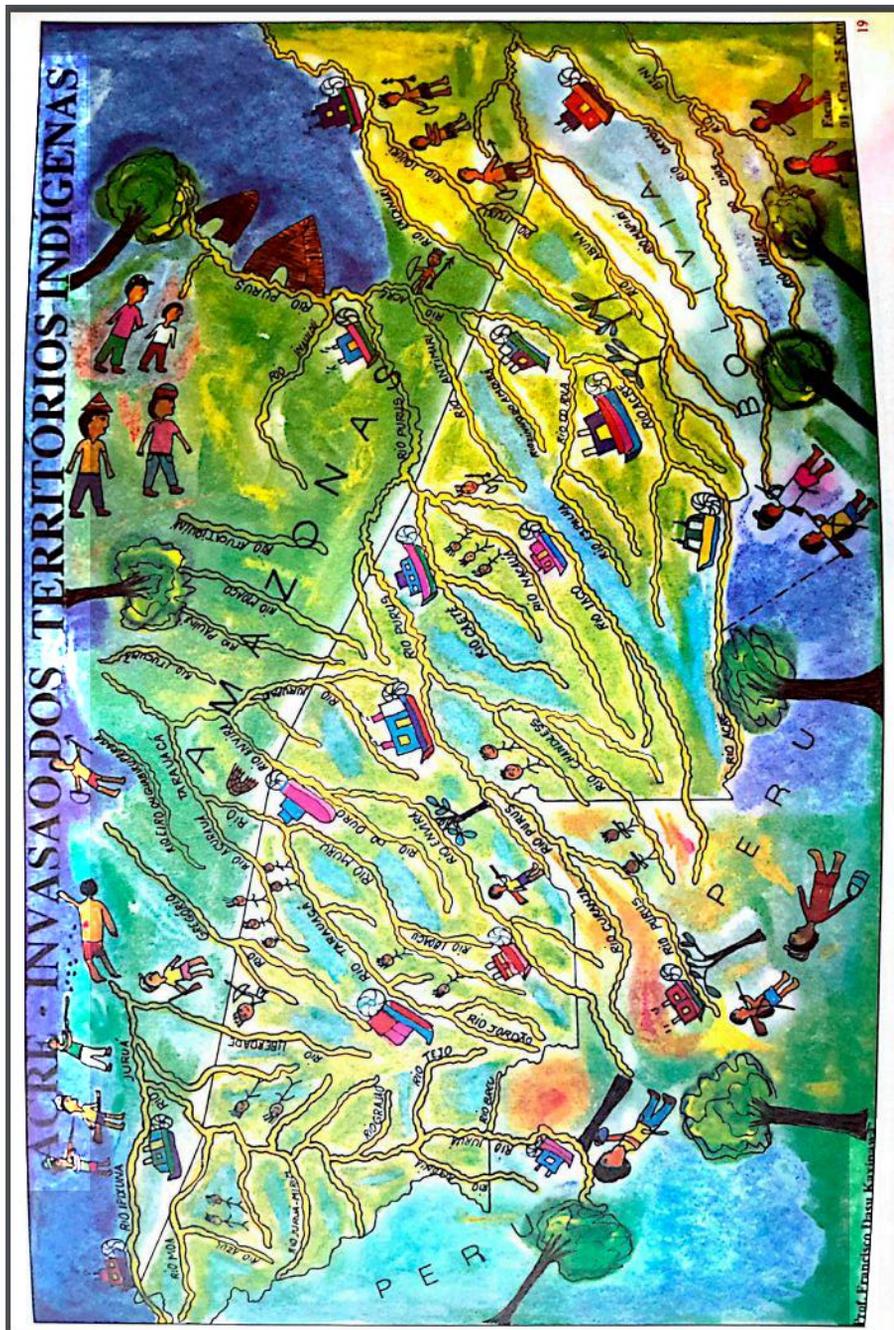
3. Sobre o documento 2:

- a) Observe o mapa e procure descrevê-lo.
- b) Qual o título do mapa?
- c) Localize o autor do mapa. Qual o nome dele?
- d) Neste mapa não encontramos uma legenda. Então, a partir de suas observações, crie uma legenda para os rios, a floresta, os diferentes tipos de pessoas e outras imagens, cores, linhas e desenhos que você identifica.
- e) Compare este mapa com o documento 1. Localize nos dois mapas suas escalas, ou seja, quanto cada centímetro do desenho corresponde em quilômetros do território de verdade.
- f) Você acha que os dois mapas com o mesmo tamanho no desenho correspondem ao mesmo tamanho dos territórios de verdade? Justifique sua resposta.
- g) Localize onde está o território do documento 2 dentro do território do mapa 1.

4. O documento 3 é um texto que explica o mapa do documento 2 e uma foto de uma embarcação dos rios da Amazônia, chamada “regatão”.
- Leia o texto. O que ele conta?
 - Compare o texto com o mapa do documento 2 e identifique as pessoas representadas no mapa e quem elas são.
 - Descreva como estão desenhados os **não-índios** e o que estão fazendo.
 - E descreva como estão desenhados os **indígenas** e o que estão fazendo.
 - A partir do mapa 2 e do texto, qual a relação entre os **não-índios** e os **indígenas** naquele contexto histórico?
 - Compare a foto da embarcação com os desenhos do mapa do documento 2. Por que no mapa 2 há tantos desenhos desses barcos?
 - Qual a história contada no mapa do documento 2?
 - Compare agora os documentos 1, 2 e 3. Quais semelhanças entre as histórias que eles contam? E quais diferenças?
 - A história contada nos mapas dos documentos 1 e 2 é a mesma? Justifique sua resposta.
5. Leia o documento 4:
- O que o texto conta?
 - O autor fala de “*convenções de cor*” nos mapas. O que isso significa?
 - Nos dois mapas há diferenças no uso das cores para representar os rios. Como você explica esta diferença?
 - O autor afirma que “*símbolos de mapas exploram associações idealizadas*”. O que isto significa?
 - Na comparação dos dois mapas, qual deles utiliza menos convenções idealizadas?
 - A partir do texto do autor é possível afirmar que as convenções de cores, símbolos e textos podem modificar a história que os mapas contam?
 - Você deve ter notado que o mapa do documento 2 foi elaborado pelos povos indígenas do Acre. Liste e debata argumentos em defesa da produção de mapas elaborados pelos povos indígenas brasileiros.



A borracha ocupa a Amazônia. In: Atlas Histórico do Brasil. FGV CPDOC. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/marcos/economia/mapas/borracha-ocupa-amazonia> Acesso em: 22 de novembro de 2022.



Atlas Geográfico Indígena do Acre / Levantamento / Organização: Renato Antonio Gavazzi, Marcia Spyer Resende. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre, 1998, p. 19.
<https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/atlas%20geogr%C3%A1fico%20ind%C3%ADgena%20do%20acre.pdf>

Nosso povo, tempos atrás, vivia nessas terras antes de ser Brasil, antes de ser Acre. Todos libertos, tranquilos. Nossa função era só trabalhar na agricultura, na caça, na pesca, na coleta de frutas e festejar a vida.

Mas, em meados do século XIX, começou a invasão dos territórios dos povos indígenas pelos nordestinos, que vieram com o destino de extrair borracha das seringueiras nativas da região, e pelos caucheiros peruanos, que vinham para extrair o caucho.

O motivo da chegada de grande número de "nawa" era porque nossas terras eram ricas em seringa e caucho. Árvores que davam leite para fazer borracha para as primeiras fábricas de carros e de botas, nos Estados Unidos, Inglaterra e outros países que tinham o dinheiro.

Os caucheiros peruanos andavam pelas matas em busca de caucho e os nordestinos subiam os rios em busca de seringa.

Com essas duas frentes de invasão, a situação das nações indígenas piorou bastante. Quando os índios tentavam fugir de uma invasão, davam de cara com outra. Os invasores vinham a procura de seus interesses: a riqueza do caucho e da borracha.

Quando encontravam os grupos indígenas, não deixavam passar em branco: matavam ou pegavam os índios para trabalhar em seus serviços mais pesados.

Atlas Geográfico Indígena do Acre / Levantamento / Organização: Renato Antonio Gavazzi, Marcia Spyer Resende. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre, 1998, p. 18.

<https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/atlas%20geogr%C3%A1fico%20ind%C3%ADgena%20do%20acre.pdf>



Regatão, o mascate da Amazônia – final da década de 1960 – de Carlos Henrique Brek
<https://vasosdopurus.wordpress.com/2012/05/25/artigo-brasileiro-por-opcao-iii/>

DOCUMENTO 4

"Forma e cor tornam alguns dos símbolos de mapas fáceis de se decodificar. Símbolos pictóricos exploram formas familiares [...] Símbolos alfabéticos também usam a forma para promover a decodificação, como abreviações comuns, nomes de lugares e marcas, descrevendo tipos de características. Convenções de cor permitem que símbolos de mapas explorem associações idealizadas de lagos e fluxos com um tom brilhante de azul ou áreas de floresta com um tom de verde primaveril [...] Códigos de cores frequentemente se baseiam mais em convenções do que em perspectivas..."

MONMONIER, Mark. How to lie with maps. 1ª ed. Reino Unido: University of Chicago Press, 1984, p. 24.